

O CAPELÃO DO DIABO

# 1. Boas e más razões para acreditar<sup>144</sup>

Querida Juliet,

Agora que você completou dez anos, quero lhe falar a respeito de algo que é muito importante para mim. Você já se perguntou alguma vez como é que sabemos as coisas que sabemos? Como é que sabemos, por exemplo, que as estrelas, que parecem minúsculos furinhos de alfinete no céu, são na verdade enormes bolas de fogo como o Sol e se encontram muito, muito distantes? E de que modo sabemos que a Terra é uma esfera de menor tamanho, girando ao redor de uma dessas estrelas, o Sol?

A resposta a essas perguntas se dá “pelas evidências”. Às vezes, “evidência” significa simplesmente ver (ou ouvir, perceber pelo tato, perceber pelo olfato...) que algo é verdadeiro. Os astronautas viajaram até muito longe da Terra para ver com os próprios olhos que ela é redonda. Às vezes, os nossos olhos precisam de auxílio. A “estrela da tarde” parece um brilho cintilante no céu, mas com a ajuda de um telescópio podemos ver que ela é uma linda esfera — o planeta que chamamos Vênus. Quando

descobrimos algo pela visão direta (ou pela audição, pelo tato...), chamamos isso de “observação”.

Muitas vezes, as evidências não nascem da observação pura e simples, mas a observação está sempre na base delas. Quando ocorre um assassinato, geralmente ele não é observado por ninguém (exceto pelo assassino e pela pessoa que foi morta!). Porém os detetives podem reunir um grande número de observações de outro tipo que podem apontar na direção de um suspeito em particular. Se as impressões digitais de uma pessoa são iguais àquelas encontradas num punhal, isso é uma prova de que essa pessoa tocou nele. Não se trata de uma prova de que ela cometeu o crime, mas pode representar uma ajuda ao ser reunida a um conjunto de outras provas. Às vezes um detetive trabalha com uma série de observações, e de repente se dá conta de que todas elas se encaixam e fazem sentido se Fulano-de-tal tiver cometido o crime.

Os cientistas — os especialistas em descobrir o que é verdadeiro em relação ao mundo e ao universo — quase sempre agem como detetives. Eles têm uma intuição (que chamamos de “hipótese”) de que uma certa coisa seja verdadeira. Eles então dizem para si mesmos: *se* isso fosse realmente verdade, deveríamos observar tal e tal coisa. Isso é chamado de “predição”. Por exemplo, se o mundo é realmente redondo, podemos predizer que um viajante, indo sempre adiante numa mesma direção, deverá chegar, por fim, ao mesmo lugar de onde partiu. Quando um médico nos diz que estamos com sarampo, ele não olha para nós e prontamente *vê* o sarampo. Sua primeira olhada o faz pensar na *hipótese* de que estejamos com sarampo. Então ele diz a si mesmo: se essa pessoa estiver realmente com sarampo, eu deveria observar... Ele então examina sua lista de predições e as testa com seus olhos (o paciente tem manchas?), com suas mãos (a testa dessa pessoa está quente?) e com seus ouvidos (o peito apresen-

ta aquele chiado característico dos pacientes com sarampo?). Só depois disso ele chega a uma decisão e diz: “Meu diagnóstico é de que essa criança está com sarampo”. Há ocasiões em que os médicos necessitam fazer outros testes, como exames de sangue e raios X, que ajudam os olhos, as mãos e os ouvidos deles a fazer observações.

O modo como os cientistas usam as evidências para fazer descobertas sobre o mundo é muito mais engenhoso e mais complicado do que eu poderia explicar numa pequena carta como esta. Mas agora que já lhe falei das evidências, que são uma boa razão para acreditarmos em alguma coisa, quero alertá-la contra três razões indevidas para acreditar no que quer que seja. Elas são chamadas de “tradição”, “autoridade” e “revelação”.

Primeiro, a tradição. Alguns meses atrás, fui à televisão para um debate com aproximadamente cinquenta crianças. Elas haviam sido convidadas pelo fato de terem sido criadas em várias religiões diferentes. Algumas haviam sido criadas na religião cristã, outras na religião judaica, muçulmana, hindu ou sique. O entrevistador foi de uma criança à outra, perguntando em que elas acreditavam. As respostas mostram exatamente o que eu quero dizer por “tradição”. Aquilo em que elas acreditavam não tinha nenhuma relação com algum tipo de evidência. As crianças simplesmente apresentaram as crenças de seus pais e avós, que por sua vez também não se basearam em evidências de nenhum tipo. Elas disseram coisas como: “Nós, os hindus, acreditamos nisso e naquilo”. “Nós, os muçulmanos, acreditamos nisso e naquilo.” “Nós, os cristãos, acreditamos em outra coisa.”

É claro que, uma vez que elas acreditavam em coisas diferentes, não é possível supor que todas estivessem certas. O entrevistador pareceu considerar muito adequado que isso fosse assim, já que nem ao menos tentou levá-las a debater suas diferenças umas em relação às outras. Mas não é esse o xis da questão, na

minha opinião. Eu simplesmente gostaria de perguntar de onde vieram suas crenças. Elas vieram da tradição. Ou seja, foram transmitidas dos avós para os pais, e então para os filhos, e assim por diante. Ou ainda por intermédio de livros herdados, de uma geração a outra, ao longo de séculos. As crenças tradicionais em geral se iniciam a partir de quase nada; talvez alguém simplesmente as invente, como as histórias sobre Zeus e Thor. Mas depois de terem sido transmitidas durante alguns séculos, o mero fato de serem tão antigas faz com que pareçam especiais. As pessoas acreditam em certas coisas somente porque as pessoas acreditaram nelas durante séculos. Isso é tradição.

O problema com a tradição é que, não importa há quanto tempo uma história tenha sido inventada, ela permanece, ainda assim, tão verdadeira ou falsa quanto era de início. Se inventarmos uma história que não é verdadeira, transmiti-la ao longo de muitos séculos não a tornará nem um pouquinho mais verdadeira!

A maior parte das pessoas na Inglaterra foi batizada na Igreja Anglicana, mas esse é somente um dos muitos ramos da religião cristã. Há uma série de outros, como a Igreja Ortodoxa Russa, os católicos romanos e as Igrejas Metodistas. Todos eles têm crenças diferentes. A religião judaica e a religião muçulmana são ainda mais distintas, e há diversos tipos de judeus e de muçulmanos. As pessoas que acreditam em coisas diferentes umas das outras, mesmo que se trate de diferenças muito pequenas, não raro entram em guerra por causa dessas discordâncias. Isso poderia levá-la a supor que elas tenham razões muito boas — evidências — para acreditar naquilo em que acreditam. Mas, na realidade, suas crenças resultam inteiramente de tradições diferentes.

Vamos falar sobre uma tradição em particular. Os católicos romanos acreditam que Maria, a mãe de Jesus, era tão especial que

ela não morreu; em vez disso foi conduzida, na sua forma corpórea, ao Céu. Outras tradições cristãs discordam disso, e afirmam que Maria na verdade morreu como morrem as outras pessoas. Essas religiões não falam muito sobre Maria e, à diferença dos católicos romanos, não a chamam de “Nossa Senhora”. A tradição de que o corpo de Maria ascendeu ao Céu não é muito antiga. A Bíblia nada diz sobre como ela morreu ou sobre o momento em que isso se deu; na verdade, a pobre mulher mal é mencionada na Bíblia. A crença de que seu corpo ascendeu ao Céu só foi inventada aproximadamente seis séculos depois do nascimento de Jesus. De início, alguém criou essa história, exatamente do mesmo modo como qualquer outra história do tipo *Branca de Neve* foi criada. Contudo, ao longo dos séculos, ela se transformou numa tradição e as pessoas começaram a levá-la a sério apenas *porque* a história havia sido transmitida ao longo de tantas gerações. Quanto mais antiga a tradição se tornava, mais as pessoas a tomavam com seriedade. Finalmente, ela foi considerada uma crença oficial do Catolicismo Romano, o que ocorreu há muito pouco tempo, em 1950. Mas a história não era mais verdadeira em 1950 do que quando foi contada pela primeira vez, seiscentos anos após a morte de Maria.

Voltarei a falar da tradição ao final da minha carta, para examiná-la de outra maneira. Antes disso, porém, preciso falar das duas outras razões impróprias para acreditar em alguma coisa: a autoridade e a revelação.

A autoridade, como uma razão para se acreditar em algo, significa que acreditamos numa coisa porque alguma pessoa importante nos disse para fazê-lo. Na Igreja Católica Romana, o papa é a pessoa mais importante, e as pessoas acreditam que ele está certo porque ele é o papa. Há um ramo da religião muçulmana em que as pessoas importantes são os velhos de barbas chamados de “aiatolás”. Centenas de jovens muçulmanos são pre-

parados para cometer assassinatos, unicamente porque os aiato-lás num país distante lhes dizem para fazê-lo.\*

Ao mencionar que foi somente em 1950 que finalmente se disse aos católicos romanos que eles deveriam acreditar que o corpo de Maria subiu ao Céu, o que eu quis apontar é que em 1950 o papa disse às pessoas que elas tinham que acreditar nisso. E pronto. O papa disse que era verdade, então só podia ser verdade! Ora, provavelmente uma parte daquilo que o papa disse durante sua vida era verdade e outra parte não era. Não há nenhuma boa razão para que, apenas pelo fato de se tratar do papa, alguém devesse acreditar em tudo o que ele dizia, do mesmo modo como não acreditamos em tudo o que um grande número de pessoas diz. O papa atual recomendou às pessoas que não limitassem o número de filhos que teriam. Se as pessoas seguirem o que ele recomenda de maneira tão servil quanto ele gostaria, os resultados talvez sejam terríveis explosões de fome, doenças e guerras, ocasionadas pela superpopulação.

É claro que, mesmo na ciência, algumas vezes não é possível que vejamos as evidências nós mesmos e, nesse caso, temos que acreditar na palavra de alguém. Eu não vi com meus próprios olhos as evidências de que a luz viaja a uma velocidade de 300 mil quilômetros por segundo. No lugar disso, eu acredito em livros que me informaram a velocidade da luz. Isso pode soar parecido com a “autoridade”. Mas, na realidade, trata-se de algo bem melhor, porque as pessoas que escreveram os livros viram as evidências e qualquer pessoa tem a liberdade de examiná-las a qualquer momento em que quiser fazê-lo. Isso é muito confortador. Mas nem mesmo os padres afirmam que existem evi-

\* A fátua contra Salman Rushdie ocupava um lugar proeminente na mídia na época em que escrevi este texto.

dências para a história sobre o corpo de Maria voando em direção ao Céu.

O terceiro tipo de razão indevida para se acreditar em algo é chamado de “revelação”. Se tivéssemos perguntado ao papa, em 1950, como ele sabia que o corpo de Maria tinha desaparecido céu adentro, ele provavelmente teria respondido que isso fora “revelado” a ele. Ele se recolheu em seu quarto e rezou, pedindo orientação. Sozinho, o papa pensou e pensou, e sua certeza interior foi se tornando cada vez maior. Quando as pessoas religiosas sentem, no interior delas, que alguma coisa deve ser verdade, muito embora não tenham evidência alguma disso, elas chamam esse sentimento de “revelação”. Não são somente os papas que afirmam ter revelações. Um grande número de pessoas religiosas faz o mesmo tipo de afirmação. Essa é uma das principais razões que as levam a acreditar naquilo em que acreditam. Mas, será que essa é mesmo uma boa razão?

Suponha que eu lhe dissesse que seu cachorro morreu. Você ficaria muito triste, e provavelmente perguntaria: “Tem certeza? Como você sabe? Como isso aconteceu?”. Agora, imagine que eu respondesse: “Na realidade, eu não sei se Pepe morreu. Não tenho evidências disso. Apenas tenho esse curioso sentimento, bem dentro de mim, de que ele morreu”. Você ficaria muito zangada comigo por eu ter lhe pregado um susto, pois saberia que um “sentimento” interior não é em si mesmo uma boa razão para se acreditar que um *whippet* esteja morto. Para isso, necessita-se de evidências. Todos nós temos sentimentos dentro de nós de tempos em tempos; às vezes eles se mostram corretos e outras vezes não. De todo modo, pessoas diferentes podem ter sentimentos opostos e, nesse caso, como faremos para descobrir quais são os sentimentos corretos? A única maneira de saber que um cão está morto é vê-lo morto, ou verificar que seu coração parou de bater, ou ouvir isso de

alguém que tenha tido algum tipo de comprovação de que ele está morto.

Às vezes as pessoas dizem que devemos acreditar em sentimentos profundos dentro de nós, caso contrário nunca poderíamos ter certeza de coisas como “Minha esposa me ama”. Mas esse é um argumento ruim. Podemos ter um grande número de indicações de que uma pessoa nos ama. Durante todo o tempo que passamos com ela, vemos e ouvimos uma infinidade de pequenos sinais disso, e eles todos se somam. Não se trata de um puro sentimento interior, à maneira do sentimento que os padres chamam de revelação. Há acontecimentos externos que sustentam o sentimento interior: a troca de olhares, um tom carinhoso na voz, pequenos favores e gentilezas; tudo isso são evidências reais.

Algumas vezes as pessoas têm um forte sentimento interior de que alguém as ama, sem que tenham nenhuma evidência disso e, nesses casos, é muito provável que elas estejam completamente enganadas. Há pessoas que têm um forte sentimento de que uma famosa estrela de cinema as ama, quando, na realidade, a estrela de cinema nem sequer sabe quem elas são. Pessoas como essas têm a mente doente. Sentimentos interiores precisam ser sustentados por evidências, caso contrário simplesmente não devemos acreditar neles.

Sentimentos interiores são valiosos na ciência também, mas apenas para nos fornecer idéias que serão testadas mais tarde, por meio da procura de evidências. Um cientista pode ter uma “intuição” a respeito de uma idéia que ele “sente” que esteja correta. Essa não é, em si mesma, uma boa razão para se acreditar em alguma coisa. Mas pode ser uma boa razão para dedicarmos algum tempo a um experimento específico, ou para olharmos numa direção particular em busca de evidências. Os cientistas usam os sentimentos interiores a todo momento, para terem

idéias. Entretanto, tais sentimentos não têm valor algum até que encontrem sustentação nas evidências.

Prometi que voltaria a falar da tradição, e que a olharia de outra maneira. Quero tentar explicar por que a tradição é tão importante para nós. Todos os animais são construídos (por um processo que é chamado de evolução) para sobreviver no ambiente normal em que sua espécie vive. Os leões são construídos para se saírem bem nas planícies da África onde vivem. Os camarões-d'água-doce são construídos para serem bons em sobreviver na água fresca, ao passo que as lagostas são construídas para se saírem bem em sua vida na água salgada do mar. As pessoas também são animais, e somos construídos para nos sairmos bem na tarefa de sobreviver num mundo cheio de... outras pessoas. A maioria de nós não caça o próprio alimento como fazem os leões e as lagostas, nós o compramos de outras pessoas que, por sua vez, o compraram de outras pessoas. Nós “nadamos” em meio a um “mar de pessoas”. Assim como os peixes necessitam de guelras para sobreviver na água, as pessoas necessitam de cérebros que as tornem capazes de lidar com outras pessoas. Assim como o mar é cheio de água salgada, o mar de pessoas é cheio de coisas difíceis de aprender. Como as línguas.

Você fala inglês, mas sua amiga Ann-Kathrin fala alemão. Cada uma de vocês fala a língua adequada para “nadar para lá e para cá” em seu próprio e diferente “mar de pessoas”. A língua é transmitida pela tradição. Não há nenhuma outra forma. Na Inglaterra, Pepe é *a dog*. Na Alemanha ele é *ein Hund*. Nenhuma dessas duas expressões é mais correta ou mais verdadeira do que a outra. Ambas são simplesmente transmitidas. Para que possam tornar-se capazes de “nadar por aí no mar de pessoas”, as crianças têm que aprender a língua de seu próprio país, assim como um grande número de outras coisas a respeito de seu povo, e isso significa que elas têm que absorver, como um mata-borrão, um volu-

me amplo de tradições. (Lembre-se de que tradição significa simplesmente coisas que são transmitidas dos avós para os pais e, destes, para os filhos.) O cérebro da criança tem que ser um sugador de informação tradicional. E não se pode esperar que ela saiba separar a informação tradicional que é boa e útil, como as palavras de uma língua, da informação tradicional que é nociva e tola, como a crença em bruxas e demônios e virgens que vivem para todo o sempre.

É uma pena, mas não é possível evitar que, visto que as crianças necessitam ser sugadoras de informação tradicional, elas acabem acreditando em tudo aquilo que os adultos lhes dizem, seja verdadeiro ou falso, seja correto ou errado. Muito do que os adultos dizem a elas é verdadeiro e baseado em evidências, ou é ao menos algo que faz sentido. Mas, se uma parcela do que eles dizem é falsa, tola ou mesmo nociva, não há nada que as impeça de acreditar nisso igualmente. Ora, quando as crianças crescem, o que elas fazem? Bem, como seria de esperar, elas dizem as mesmas coisas à geração de crianças seguinte. Assim, uma vez que algo se transforme numa forte crença — mesmo que se trate de algo completamente falso e que, desde o início, nunca tenha havido razões para se acreditar nisso —, pode perdurar para sempre.

Será que foi isso o que aconteceu com as religiões? A crença de que há um deus ou deuses, a crença no paraíso, a crença de que Maria nunca morreu, a crença de que Jesus nunca teve um pai humano, a crença de que as preces são respondidas, a crença de que o vinho se transforma em sangue — nenhuma dessas crenças é sustentada por nenhum tipo de evidência satisfatória. E, no entanto, milhões de pessoas acreditam nelas. Talvez seja porque se disse a essas pessoas que deveriam acreditar nessas coisas quando elas ainda eram tão jovens que acreditavam em qualquer coisa.

Milhões de pessoas acreditam em coisas inteiramente diferentes, porque outras coisas foram ditas a elas quando eram crian-

ças. Coisas distintas são ditas às crianças muçulmanas e às crianças cristãs, e nos dois casos elas crescem absolutamente convencidas de que estão certas e de que as outras estão erradas. Mesmo entre os cristãos, os católicos romanos acreditam em coisas diferentes do que se acredita entre os presbiterianos ou entre os episcopais, entre os *shakers* ou os *quakers*, entre os mórmons ou os *holly rollers*,\* e todos se mostram absolutamente convencidos de que estão certos e de que os outros estão errados. Eles acreditam em coisas diferentes, exatamente pelo mesmo tipo de razão pela qual você fala inglês e Ann-Kathrin fala alemão. Ambas as línguas são, em seu próprio país, a língua correta. Mas não pode ser verdade que religiões diferentes estejam certas em seus próprios países, pois as diferentes religiões afirmam que coisas opostas são verdade. Maria não pode estar viva na Irlanda católica ao mesmo tempo que está morta na Irlanda do Norte protestante.

O que podemos fazer a respeito de tudo isso? Não é fácil para você fazer alguma coisa, pois tem apenas dez anos de idade. Mas você pode tentar o seguinte. A próxima vez que alguém lhe disser algo que soe importante, pense consigo mesma: “Será que esse é o tipo de coisa que as pessoas provavelmente sabem porque há evidências? Ou será que é o tipo de coisa em que as pessoas só acreditam por causa da tradição, da autoridade ou da revelação?”. E, quando alguém lhe disser que uma coisa é verdade, por que não dizer a ela: “Que tipo de evidência há para isso?”. E se ela não puder lhe dar uma boa resposta, espero que você pense com muito cuidado antes de acreditar numa só palavra.

Com amor,  
de seu pai

\* Denominação depreciativa que faz referência às várias denominações religiosas em que o fervor espiritual é expresso por meio de gritos e de violentos movimentos corporais. (N. T.)